

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA

GABRIÉLI RITTA OLIVEIRA

O FANTÁSTICO EM *CORAÇÃO DE TINTA*, DE CORNELIA FUNKE: UM CONVITE
À LEITURA

Bagé

2022

GABRIÉLI RITTA OLIVEIRA

**O FANTÁSTICO EM *CORAÇÃO DE TINTA*, DE CORNELIA FUNKE: UM CONVITE
À LEITURA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção de Licenciada em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientadora: Zila Letícia Goulart Pereira Rêgo

Bagé

2022

A48f Oliveira, Gabriéli Ritta

O fantástico em Coração de tinta, de Cornelia Funke: um convite à leitura / Gabriéli Ritta Oliveira.

43 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade Federal do Pampa, LETRAS - PORTUGUÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2022. "Orientação: Zila Letícia Goulart Pereira Rêgo".

1. Fantástico. 2. Coração de tinta. 3. Leitura. I. Título.

GABRIÉLI RITTA OLIVEIRA

**O FANTÁSTICO EM *CORAÇÃO DE TINTA*, DE CORNELIA FUNKE: UM CONVITE
À LEITURA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras-Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa.

Área de atuação: Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 18/08/2022.

Banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Zila Letícia Pereira Rêgo
Orientadora
(UNIPAMPA)

Prof^a. Dr^a. Miriam Denise Kelm
(UNIPAMPA)

Prof. Dr. Moacir Lopes de Camargos
(UNIPAMPA)



Assinado eletronicamente por **MOACIR LOPES DE CAMARGOS, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 19/08/2022, às 19:52, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **MIRIAM DENISE KELM, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 20/08/2022, às 08:07, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **ZILA LETICIA GOULART PEREIRA REGO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 05/10/2022, às 16:03, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as norma vas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0903527** e o código CRC **675A8031**.

Referência: Processo nº 23100.017527/2022-64 SEI nº 0903527

Dedico este trabalho em memória do meu pequeno anjinho, Matheus Oliveira, que enquanto esteve fazendo parte deste plano, sempre demonstrou orgulho em me ter como tia e amiga. As lembranças do nosso companheirismo foram meu suporte para aguentar tanta saudade e conseguir seguir em frente. Eu te amarei para todo o sempre, Matheus, obrigada por tudo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço aos meus pais que me apoiaram durante o meu percurso na graduação. Amo vocês!

Ao meu namorado, que se dispôs a me levar e buscar todos os dias à Unipampa, e a força que me passou para terminar a graduação.

À minha orientadora Zila Letícia Goulart, que se dispôs a me orientar ao longo da escrita deste trabalho de conclusão de curso, nos estágios e trabalhos acadêmicos e me apresentou a obra a qual utilizei para a minha pesquisa. Muito obrigada! A senhora será sempre a minha inspiração.

A todos colegas e professores que de alguma forma contribuíram para a minha chegada até aqui.

Por fim, à Unipampa, que me acolheu e forneceu ensino público e de qualidade.

"Existe algo mais belo neste mundo do que as letras? Sinais mágicos, vozes dos mortos, peças dos mundos maravilhosos, melhores do que este. Elas consolam e espantam a solidão. São guardiãs de segredos, arautos da verdade".

Cornelia Funke

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como propósito realizar a análise da presença do fantástico na obra *Coração de tinta* (2006), da autora Cornelia Funke, relativa ao primeiro volume da trilogia Mundo de tinta, e refletir sobre sua contribuição na formação de leitores infantis e juvenis. Enquanto uma pesquisa bibliográfica de carácter descritivo-analítico, o estudo parte de textos teóricos para construção dos conceitos-chave na análise proposta. No que se refere ao estudo do fantástico, foram utilizados textos de autoria de Filipe Furtado, Selma Calasans Rodrigues, Remo Cesarani e Tzvetan Todorov. O estudo do papel da fantasia para leitores infantis e juvenis se baseou em reflexões propostas por Vigotski, e, por fim, os efeitos da leitura foram enfocados a partir de Iser e Jouve. Os resultados da investigação revelam a presença marcante do fantástico em *Coração de tinta*, especialmente se considerado a partir dos estudos já clássicos de Todorov, permitindo afirmar que tal artifício, estruturado na obra a partir de vazios do texto, pode ser fator de sedução dos jovens leitores.

Palavras-Chave: Fantástico. *Coração de tinta*. Leitura.

ABSTRACT

The purpose of the course conclusion work is to analyze the presence of the fantastic in the work *Coração de Ink* (2006), by the author related to Cornelia Funke, the first volume of the *Mundo de Ink* trilogy, and to reflect on its contribution to the collaboration of readers. children and youth. As a descriptive-analytical bibliographic research, the study starts from theoretical texts to build the key concepts in the analysis proposal. Regarding the study of the fantastic, texts by Filipe Furtado, Selma Calasans Rodrigues, Remo Cesarani and Tzvetan Todorov were used. The study of the role of fantasy for children and youth readers was based on proposals by Vigotski, and, finally, the effects of reading were focused from Iser and Jouve. The results of research carried out from a paint study, especially considered from the Approval concrete studies, can be considered a factor of relevant study already carried out from a recent study, can be considered from some recent studies, from some recent studies, readers.

Keywords: Fantastic. Ink heart. Reading.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	O FANTÁSTICO.....	15
	2.1 Um breve percurso sobre a origem do fantástico.....	15
	2.2 Tentativa de definição e caracterização do gênero.....	17
3	O FANTÁSTICO NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL.....	21
4	EFEITOS DO FANTÁSTICO NO LEITOR.....	25
5	A OBRA CORAÇÃO DE TINTA E SUA AUTORA	31
6	O FANTÁSTICO EM CORAÇÃO DE TINTA E SEUS EFEITOS NO LEITOR.....	33
	6.1 o fantástico em coração de tinta.....	33
	6.2 os efeitos da leitura de coração de tinta.....	40
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
	REFERÊNCIAS.....	46

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho buscou trazer uma reflexão sobre de que forma o recurso do fantástico está presente em **Coração de tinta** de Cornelia Funke e em que medida pode contribuir enquanto um possível recurso para encantar o leitor infantil e juvenil e trazer esse leitor para o mundo dos livros. Essa minha ideia surgiu por conta do meu envolvimento com jovens estudantes do ensino fundamental e médio durante minhas observações de estágio, quando notei o interesse deles por elementos que ultrapassam o real. Mas antes de situar a organização do meu trabalho e meus motivos, quero primeiramente, a seguir, mencionar os meus primeiros contatos com a leitura.

A leitura não foi algo presente na minha infância e adolescência, pois não tive incentivo dentro de casa e na escola. No ensino fundamental, os estudos sempre foram dedicados à gramática e a classificar frases soltas. Não líamos sequer um conto e eu não sabia da existência desse gênero. Quando cheguei no primeiro ano do ensino médio, não tive professor de literatura, e essa falta se estendeu até a minha formação. Mas apesar de ter tido tão pouco incentivo e contato com a leitura, tanto em casa quanto na escola, aos doze anos eu li meu primeiro livro, intitulado **As Crônicas de Nárnia: o leão, a feiticeira e o guarda-roupa**, de C.S. Lewis. Lembro-me da sensação de entusiasmo que era ler a obra, rica em detalhes, com algumas imagens e aquela imensa magia que predominava. Mas, infelizmente, a vontade de ler cessou com o tempo, e exatamente no tempo em que o vício por redes sociais tomou conta da juventude daquela época.

Quando fiz o ENEM, eu tinha dois cursos em mente, o primeiro era o curso de Direito por sempre ter gostado da área jurídica e policial, e o outro era Licenciatura em Letras. O motivo que me fez ingressar nesse curso foi a curiosidade em conhecer a literatura: uma amiga estudou na escola Bradesco e me contava sobre os livros que havia lido e sobre as histórias que me fizeram lembrar os poucos livros que havia lido. Ela me falava sobre clássicos da literatura que eu só fui conhecer na faculdade, como **Dom Quixote de La Mancha**, de Cervantes, e **O Inferno de Dante**, e isso me fez sentir incomodada por não ter tido essa experiência. Então pensei “por que não arriscar? Se eu não gostar é só mudar de curso”, e aqui estou eu, apresentando meu trabalho de conclusão de curso, porque foi na Universidade que conheci a literatura

de verdade, e agradeço a oportunidade que me foi dada em poder desfrutar de tantas histórias de diferentes gêneros e épocas, todas com suas peculiaridades e encantos, desde obras canônicas e trágicas como **Hamlet**, até obras mais novas e fantásticas, como **Harry Potter**.

Durante os semestres que antecederam minha chegada até o presente e tão temido trabalho de conclusão de curso, passei por vários componentes que foram importantes para o meu aprendizado enquanto estudante de Licenciatura em Letras-Português e Literaturas de Língua Portuguesa, mas um componente em específico me marcou muito, e foi a disciplina de Literatura para Crianças e Jovens, lecionada pela minha orientadora Zila Letícia Pereira Rêgo. Nessa disciplina pude ler obras incríveis destinadas ao público infantil e juvenil e me apaixonei por **Coração de tinta**, obra que fez eu despertar novamente para aquele sentimento de entusiasmo obtido lá no início da minha adolescência.

A literatura fantástica, se lembrarmos bem, é um gênero presente desde a infância, quando nos deparamos com obras como **Cinderela, A bela e a fera, Alice no país das maravilhas**, entre outras histórias que passaram por inúmeras gerações e vigoram até os dias atuais. Essas histórias que extrapolam o real, nas quais vampiros, lobisomens, fadas, bruxas e outras criaturas, compartilham do mesmo mundo que os seres humanos comuns, fazem os olhos dos jovens brilharem e acreditarem num mundo de magia. Quem nunca tentou voar em uma vassoura após assistir **Harry Potter**? Ou tentou fazer magia? Pois eu já, e é essa a sensação que essa nova geração distante da leitura precisa experimentar. É a partir desse objetivo que decidi trabalhar com **Coração de tinta**.

Falando um pouco sobre a obra que despertou meu interesse, **Coração de tinta** foi marcante para mim, quando a li pela primeira vez eu tinha vinte anos, já era uma adulta, então imagino o impacto que essa obra poderia ter na leitura dos jovens. Os dois personagens principais da história (Mo e Maggie) compartilham do mesmo sentimento, o amor por livros, então além do teor fantástico com diversas criaturas estranhas fora do contexto da vida real, o livro traz esse tema do amor pelas páginas dos livros e os efeitos que a leitura de literatura fantástica tem para o leitor.

Além do enredo, os livros sempre trazem consigo além do entretenimento, ideias e temas que acrescentam ou modificam nossas opiniões, ajudam a decifrar e resolver conflitos internos e externos, formam seres pensantes e críticos. Fazem-nos sentir felizes com algumas situações, tristes, revoltados e surpresos com outras, além

de que muitas vezes podemos nos identificar com algumas situações ou até mesmo com algum personagem da história. Por isso escolhi **Coração de tinta**, porque além do entretenimento que o fantástico comporta, ela traz um incentivo à leitura, uma ponte para que os alunos possam se interessar por ler outros livros, sejam eles de outros gêneros ou que abordam outros temas.

Então, é partindo de minha experiência de aproximação tardia com a literatura e do papel que a literatura fantástica teve nesse encontro que a presente pesquisa tem como objetivo analisar de que forma o fantástico está presente na obra **Coração de tinta** e refletir em que medida sua presença pode incentivar a leitura por crianças e jovens. O trabalho está organizado da seguinte forma: primeiramente temos um breve percurso sobre a origem do fantástico e suas características; a seguir é discutido o papel da fantasia para leitores infantis e juvenis.

No capítulo 3, trago a história da literatura fantástica infantil, seguido pelo estudo dos efeitos do fantástico no leitor a partir da perspectiva dos estudos da recepção.

No capítulo 5, apresento informações sobre a autora Cornelia Funke e sua obra, seguido da análise da presença do fantástico em *Coração de tinta*, aonde é apresentado os principais momentos em que ocorre e seu efeito no leitor.

Por último, temos as considerações finais onde falo sobre os resultados obtidos por essa pesquisa.

2. O FANTÁSTICO

2.1 Um breve percurso sobre a origem do fantástico

Há quem diga que o fantástico existe desde Homero, por exemplo os escritores Louis Vax e Tony Faivre (RODRIGUES, 1988, p.16), quando o fantástico ainda não era visto como um gênero, e temos obras como **Odisseia** e **Íliada** onde Deuses existem. De acordo com a autora Maria Cristina Batalha, “a crítica designava como fantástica toda narrativa de fatos que não pertenciam ao mundo real, contrariando a realidade que nos cerca”. (2011, p.13), apresentando uma visão bem ampla sobre o gênero. Outros escritores afirmam que o fantástico teve seu início entre os séculos XVIII e XIX, como Tzvetan Todorov, Irène Bessière, e Selma Calasans Rodrigues (RODRIGUES, 1988, p.16).

Mas para entender um pouco mais sobre sua origem, partimos para o século XVIII, onde surge o *romance gótico* na Inglaterra. O escritor inglês Horace Walpole traz em sua obra intitulada **O castelo de otranto** (1764) uma história de mistérios, terror e elementos sobrenaturais. Este gênero se popularizou e no livro **O fantástico** (2006) de Remo Ceserani, o autor cita algumas características desse gênero a partir do romance gótico:

[...]Entre as características do romance gótico, estavam: um gosto antigo e estetizante como pano de fundo histórico, o estilo e a ornamentação da Idade Média e do Renascimento (especialmente italianos, de uma Itália pitoresca e maneirista, tal qual era vista por uma cultura nórdica e antipapista, em que o personagem principal era um misto de jesuíta e maquiavélico, de caráter diabólico, sanguinário e astuto) um gosto ambiguamente *iluminado* pelas manifestações do sobrenatural, dos fenômenos como o mesmerismo e a parapsicologia, das visitas e presenças de espíritos e fantasmas; uma atração fascinante pelo mistério da maldade humana, das perversões dos instintos e do caráter; uma preferência retórica pelo estilo e pelas ambientações elevadas e sublimes[...] (CESERANI, 2006, p. 89).

O fantástico tem uma das suas raízes nesse romance gótico, que, por sua vez, tinha como característica um lado mais obscuro com terrores psicológicos que levam o personagem à insanidade; presença de assombrações. Uma narrativa melodramática do Romantismo, que foi um movimento cultural que contrapôs às características do Iluminismo realista, ou seja, existia nas obras uma crítica à crença de que somente a razão e a ciência poderiam resolver vários problemas, excluindo os

sentimentos de tais decisões. Essas críticas, então, se voltavam a costumes e à cultura dessa nova sociedade, baseada no desenvolvimento e no avanço científico e tecnológico. Tal afirmação pode ser lida no seguinte trecho:

Gótico significa uma escritura do excesso. Ele surgiu na horrível obscuridade que atormentou a racionalidade e a moralidade do século XVIII. Ele joga uma sombra sobre os êxtases desesperantes do idealismo e individualismo românticos e sobre as inquietantes duplicidades do realismo e decadentismo vitorianos. Atmosferas góticas foscas e misteriosas – assinalaram repetidamente o retorno perturbador dos passados sobre o presente e evocaram sentimentos de terror e de humor. No século XX, de formas variadas e ambíguas, figuras góticas continuaram a jogar uma sombra sobre o progresso da modernidade com antinarrativas que contavam o lado subterrâneo do iluminismo e dos valores humanísticos. (...) Na narrativa gótica aparecem figuras e elementos estereotipados que encarnam e evocam as angústias de uma cultura. (CESARANI, 2006, p.90 *apud Brotting, 1996*).

Após o romance gótico, surgiu na Alemanha no final do século XVIII, um novo padrão de literatura fantástica que serviu de modelo para toda a Europa. O escritor romântico Hoffman ficou conhecido como um dos maiores nomes da literatura fantástica e, em sua obra, começam os primeiros indícios do fantástico que conhecemos hoje e a hesitação que tanto Todorov trabalha em sua obra.

Na obra de Hoffman se encontra, como vimos, um perfeito e amplo repertório de procedimentos e de temas da literatura fantástica. Com ele, o inexplicável se esconde na cotidianidade mais simples e banal, realista e burguesa; os procedimentos da hesitação se tornam técnica narrativa; os pontos de vista se problematizam, as tendências icônicas e representativas da narração aparecem tematizadas; as potencialidades criativas da linguagem e em particular da metáfora se tornam elementos geradores de efeitos do fantástico; temas como aquele do duplo, da loucura, da vida após a morte se interiorizam e geram projeções fantasmáticas. (CESERANI, 2006, p.90).

Tais indícios se referem, além da hesitação, ao inexplicável diante dos olhos da sociedade.

No século XIX, a literatura fantástica misturou-se a outros gêneros literários, por exemplo o autobiográfico e romance de formação (CESARANI, 2006, p.91). Dessa forma, outras histórias surgiram e o fantástico foi se modificando de acordo com a época em que foi escrita e conforme as ideologias que dominavam

Somente em 1975 após a publicação do livro **Introdução à literatura fantástica** (1980) de Todorov, o fantástico começou a ser reconhecido como um gênero literário. Todorov foi o responsável por trazer estudos anteriores com

definições e características preestabelecidas, e, partir delas, discutir e trazer novas concepções sobre o gênero, diferenciando o fantástico do maravilhoso e estranho, além de questões sobre a hesitação e o vacilo.

Vale destacar que existem vários outros estudos sobre a área e que tratam do fantástico de forma distinta, contudo, a seguir irei me nortear pelos estudos de Todorov, Selma Calasans Rodrigues, Filipe Furtano e Celmo Cesarani.

2.2 Tentativa de definição e caracterização do gênero

São várias as tentativas de definição do gênero, cada uma é, portanto, referente à estética literária predominante na época em que as obras fantásticas circularam. A cultura de cada lugar também contribuí para a formação de novas concepções acerca do gênero que se adequam, contribuem ou se transformam de acordo com a ideologia e cultura da época e do lugar/continente/país em que se situam as novas obras e que viram objetos de estudos.

De todas as caracterizações do fantástico, a mais prestigiada é do filósofo Todorov que em sua obra **Introdução à literatura fantástica** (1980), considera o cumprimento de três condições para que a obra se enquadre no gênero:

Em primeiro lugar, é necessário que o texto obrigue ao leitor a considerar o mundo dos personagens como um mundo de pessoas reais, e a vacilar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos evocados. Logo, esta vacilação pode ser também sentida por um personagem de tal modo, o papel do leitor está, por assim dizê-lo, crédulo a um personagem e, ao mesmo tempo a vacilação está representada, converte-se em um dos temas da obra; no caso de uma leitura ingênua, o leitor real se identifica com o personagem. Finalmente, é importante que o leitor adote uma determinada atitude frente ao texto: deverá rechaçar tanto a interpretação alegórica como a interpretação “poética”. Estas três exigências não têm o mesmo valor. A primeira e a terceira constituem verdadeiramente o gênero; a segunda pode não cumprir-se. Entretanto, a maioria dos exemplos cumprem com as três (TODOROV, 1980, p.82).

A primeira é que o leitor tenha uma hesitação, uma insegurança entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos narrados, neste momento a essência do fantástico aparece; a segunda condição implica a hesitação não só do leitor, mas também do personagem; a terceira e última condição diz respeito à interpretação do leitor diante dos fatos narrados, o leitor não deve adotar a

interpretação alegórica dos acontecimentos, isto é, não deve enxergá-los simplesmente no sentido figurado, e deve evitar igualmente uma interpretação poética.

Além dessas três exigências, o autor nos diz que “o fantástico é a vacilação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento sobrenatural” (TODOROV, 1980, p.23). Isto diz respeito aos personagens que se encontram com elementos sobrenaturais, mas eles próprios ainda não estão convencidos sobre a existência dos mesmos, permanecendo a vacilação, caso contrário, de acordo com Todorov, o fantástico se perderia e partiria para os gêneros vizinhos, como o estranho e o maravilhoso, sobre os quais falarei mais a diante.

A autora Selma Calasans Rodrigues também tem uma definição sobre o fantástico:

[...]refere-se ao que é criado pela imaginação, o que não existe na realidade, o imaginário, o fabuloso. Aplica-se, portanto, melhor a um fenômeno de caráter artístico, como é a literatura, cujo universo é sempre ficcional por excelência, por mais que se queira aproximá-la do real (RODRIGUES, 1988, p. 9).

Essa definição da autora pode ser entendida como uma caracterização de forma geral da literatura, visto que o universo literário é sempre fictício, porém em relação ao fantástico essas relações se extrapolam e temos elementos que não são reconhecidos na realidade, mas se misturam a ela.

O autor Filipi Furtado muda o que Todorov chama de hesitação para “ambiguidade do texto”:

No essencial, a narrativa fantástica deverá propiciar através do discurso a instalação e a permanência da ambiguidade de que vive o gênero, o nunca evidenciando uma decisão plena entre o que é apresentado como resultante das leis da natureza e o que surge em contradição frontal com ela. (FURTADO, 1980, p.132).

Com base nessas afirmações estipuladas por Todorov (1980) e Furtado (1980), imaginemos a seguinte cena: O personagem principal, que chamarei de Fred, se encontra em uma tremenda dúvida. Quando se dirigiu à sala, Fred viu uma mulher pálida, de vestido branco que o encarava incansavelmente. Ao tentar chegar mais perto, a mulher atravessava a parede e sumia. O medo e a incerteza tomavam conta de Fred, que foi até o cômodo que dá para o outro lado da parede, mas constatou que a mulher não estava lá. O personagem hesita entre duas possibilidades: Aquela

mulher realmente era uma assombração ou foi somente um delírio? Se não há uma resposta única, encontraremos aí a hesitação ou a ambiguidade, ou seja, encontraremos o fantástico.

Caso houvesse outros desfechos para a situação inusitada do desaparecimento da mulher na parede, poderiam ocorrer outros efeitos: *estranho* ou *maravilhoso*, sobre os quais falarei a seguir.

Agora vejamos um desfecho diferente da história: O personagem, diante dos fatos, é convencido de que tudo não passou de uma mera ilusão, a mulher nunca existiu e isso pode ser resultado de algum trauma psicológico sofrido pelo personagem anteriormente. Dessa forma, aqui, encontraríamos o efeito *estranho*.

O estranho ocorre quando é possível explicar os fenômenos sobrenaturais de forma que as leis naturais permanecem intactas, sem haver qualquer vacilação do personagem ou leitor diante dos fatos, como por exemplo, achar que toda a situação estranha não passou de uma ilusão.

O terceiro desfecho possível para a história de Fred produz o efeito *maravilhoso*: O personagem, ao ir para o outro cômodo, encontra a mulher, os dois conversam e ele descobre que aquela mulher foi assassinada naquela casa, e este é o motivo de sua aparição. Fred fica comovido com a história da moça, e em nenhum momento hesita, pois ele admite a presença do sobrenatural. No mundo de Fred essa é uma realidade comum, aceitável, e explicável pelas leis que regem a realidade do personagem. Assim o efeito *maravilhoso* aparece.

Embora confundido com o gênero fantástico, segundo a escritora Selma Calasan Rodrigues (1988), o *maravilhoso* possui leis próprias, é derivado de maravilha. Na história possui a interferências dos deuses como ocorre em **Édipo rei**, **Odisseia** e **Ilíada**, nas quais ocorre regularmente a intervenção de Deuses na trajetória dos personagens.

A seguir, Rodrigues usa uma citação de Freud para distinguir o maravilhoso do fantástico e tornar essas diferenças mais claras:

Nos contos de fadas, por exemplo, o mundo da realidade é deixado de lado desde o princípio, e o sistema animista de cresças é fracamente adotado. A realização de desejos, os poderes secretos, a onipotência de pensamentos, a animação de objetos inanimados, todos os elementos tão comuns em histórias de fadas, não podem aqui exercer uma influência estranha (...). O escritor criativo pode também escolher um cenário que, embora menos imaginário do que o dos contos de fadas, ainda sim difere do mundo real por

admitir seres espirituais superiores, tais como espíritos demoníacos ou fantasmas dos mortos. Na medida em que permanecem dentro de seu cenário de realidade poética, essas figuras perdem qualquer estranheza que possam possuir. As almas do inferno de Dante ou as aparições sobrenaturais no Hamlet, Macbeth ou no Júlio César de Shakespeare, pode ser bastantes obscuras e terríveis, mas não são mais estranhas realmente do que o mundo jovial dos deuses de Homero (...). A situação altera-se tão logo o escritor pretenda mover-se no mundo da realidade comum. Nesse caso, ele ajeita também todas as condições que operam para produzir sentimentos estranhos na vida real; e tudo o que teria um efeito estranho na realidade, o tem na sua história. (RODRIGUES, 1988. p.55 apud FREUD, 1919).

O maravilhoso é um gênero no qual é admitida a existência de figuras estranhas, um mundo onde não é possível explicar os acontecimentos sobrenaturais diante das leis naturais, mas sim no universo onde a história está inserida. É considerado algo completamente normal, sem causar qualquer questionamento no leitor, pois ele admite que aquela narrativa se passa em um plano irreal, sem qualquer possibilidade daquelas situações ocorrerem no mundo real. Essa explicação diferencia o maravilhoso do fantástico, pois neste último, não há qualquer justificativa lógica e natural para os acontecimentos sobrenaturais.

Vários estudos sobre o fantástico, sobretudo, os de Todorov, são importantes por serem a base do estudo do gênero, contudo, essa definição de fantástico proposta pelo autor é de 1980, e estamos em 2022. Até aqui, o gênero fantástico se popularizou entre os jovens e adultos, e diversas obras dificilmente se encaixariam em todas as concepções estabelecidas por Todorov. Nas produções contemporâneas, a partir do meu ponto de vista, nota-se uma mistura de subgêneros do fantástico e temos variações que recebem várias nomenclaturas, como, por exemplo “alta fantasia” e “baixa fantasia”, contudo, ainda assim, o efeito do fantástico predomina. Portanto, nesse trabalho, opto por seguir as definições hoje já clássicas de Todorov.

3 O FANTÁSTICO NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

Depois das definições e caracterizações do fantástico vistas até aqui, podemos notar que elas dizem respeito a obras da literatura para adultos, veremos a seguir como e por que o fantástico aparece nas obras de literatura infantil e juvenil.

A literatura infantil e juvenil é o ponto de partida para que os jovens se interessem pela literatura, pois ela pode proporcionar uma leitura leve e prazerosa, incentivando o leitor a ler muitas outras obras conforme o seu amadurecimento. O gênero fantástico, se incluído na literatura infantil e juvenil, pode ter um papel fundamental nesse incentivo, devido as suas características que englobam um mundo real e situações irreais que não podem ser explicadas pelas leis do nosso mundo, como por exemplo a presença da magia pela qual tanto as crianças e adolescentes são fascinados.

O uso da fantasia nos livros infantis e juvenis não estão presentes à toa. No livro **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico** (2009), Vigotski explica sobre o comportamento criador ou combinatório inerente à mente infantil / humana:

[...]Quando, na imaginação, esboço para mim mesmo um quadro no futuro, digamos, a vida do homem do regime socialista, ou o quadro de um passado longínquo de vida e luta do homem pré-histórico, em ambos não reproduzo as impressões que tive a oportunidade de sentir alguma vez. Não estou simplesmente restaurando a marca de excitações anteriores que chegaram ao meu cérebro, pois nunca vi, de fato, nem esse passado e nem esse futuro. Apesar disso posso ter a minha ideia, a minha imagem, o meu quadro. (VIGOTSKI, 2009, p.13).

Com base nesse pensamento de Vigotski, é possível trazer o sentido que a fantasia tem para o leitor, ou seja, mesmo que ele nunca tenha tido contato com a magia, com vassouras voadoras, entre outras coisas ligadas à fantasia, consegue projetar em seus pensamentos a imagem dessas situações. Também imagina como seria ser dotado desses poderes, instigando ainda mais sua imaginação, que está a “todo vapor” nessa idade. Quanto mais rica a experiência, mais farta será a imaginação. A fantasia é a base de toda atividade criadora.

Vigotski, ainda cita sobre o fato de o cérebro não ser apenas um órgão reprodutor de experiências anteriores, mas algo mais amplo que combina e recria

situações, perspectivas, de forma criativa a partir daquelas já vivenciadas. A imaginação apoia-se na realidade e, quanto mais abastada a experiência, mais rica será a imaginação. A menina, ao ler um livro de fantasia, parte de algo preestabelecido, por exemplo, sobre uma vassoura (que serve para varrer) e une à imagem, na história, a vassoura como um meio de transporte para bruxos e bruxas no mundo da fantasia. Assim são desencadeadas novas visões no imaginário, a vassoura que era algo comum, oriunda da realidade cotidiana, torna-se algo fantástico, justamente a partir do imaginário que cria algo. Essa afirmação consiste também na formação de lendas, mitos e contos que são frutos da imaginação.

É possível compreender a relação entre a realidade e imaginação da forma contrária a que foi citada anteriormente, ou seja, a experiência real que se apoia na imaginação, por exemplo como ocorreu em **A bolsa amarela** (2002) de Lygia Bojunga, quando a personagem se apoiou na imaginação para compreender e resolver conflitos internos e externos. Assim, a criança entende o mundo, inconscientemente, através da imaginação que vai mudando conforme seu amadurecimento, com acúmulo de experiências e de determinadas necessidades, porque cada criança possui características únicas, resultantes de suas próprias experiências e do acúmulo cultural, econômico e histórico de uma determinada realidade.

Cabe ainda salientar que a imaginação também pode ser uma fuga da realidade, uma forma de resolver conflitos internos e externos, de se sentir representado(a), assim como acontece em **A bolsa amarela** (2002) de Lygia Bojunga, quando a personagem ao esconder suas três vontades em uma bolsa amarela, parte para uma grande aventura em busca de sua identidade.

A fantasia, e conseqüentemente o fantástico, é um artifício comum utilizado nas obras de literatura infantil e juvenil porque a criança entende o mundo através de explicações ou justificativas que não necessitam de apoio lógico, ou seja, a criança conhece e compreende o mundo através da fantasia, ela acredita no que imagina. Logo, ela aceita naturalmente o fantástico. Quanto mais a criança tem contato com a leitura e com o mundo, mais ela adquire experiências e constrói sozinha sentidos.

Vigotski (2009) discute sobre quantas imaginações devem ter sido necessárias para a criação de algo novo, isso nos prova o quanto a imaginação é importante para

o desenvolvimento cognitivo do ser humano, na forma de se relacionar com o mundo e com as pessoas, na construção de um cidadão ativo e crítico na sociedade onde está inserido, e não somente na criação de grandes feitos, sejam eles científicos ou não. A imaginação é uma função vital necessária.

A atividade criadora de combinação não aparece inesperadamente, mas lenta e progressivamente, partindo de formas mais simples para outras mais complexas, conforme a faixa etária, na qual cada uma possui uma forma única de criação, correspondente ao acúmulo de vivências. Esse acúmulo começa desde a infância, nas brincadeiras onde as crianças expressam sua imaginação, quando imaginam que um cabo de vassoura é um cavalo ou uma espada, ou a menina que brinca de boneca e se imagina mãe. Brincadeiras com elementos/impressões da realidade que se combinam com a fantasia. Após o aglomerado de experiências, se inicia o período de amadurecimento da criança que transita da imaginação subjetiva para a objetiva, se tornando mais crítico e reflexivo.

Após esclarecer um pouco sobre a imaginação infantil, vamos percorrer um pouco sobre a literatura infantil. Descobrimos que antes de ser o que conhecemos hoje, ela tinha um propósito que a autora Tereza Colomer chama de moralizante:

Os propósitos moralizantes que presidiam a literatura infantil retardaram a aparição dos livros de humor e fantasia até a segunda metade do século XIX. Em nível geral, as narrativas de autor conhecido que incluíram elementos irreais o fizeram em estreita relação com traços típicos dos contos populares a partir do interesse pelo folclore desvelado nessa época. O propósito moralizador parece ser o objetivo principal de outros dos primeiros contos infantis, Pedro Malasartes (1846), escrito e ilustrado pelo médico alemão Heinrich Hoffmann para seu próprio filho, ante a impossibilidade de encontrar contos infantis de seu agrado. O humor, a caricatura e a crueldade tornam essa obra muito impactante para o gosto atual, dada as terríveis consequências da má conduta do protagonista (COLOMER, 2017, p.163).

A autora fala do propósito moralizante devido a função de educar moralmente as crianças, ensinando-as através da literatura o que é certo e o errado. Um pouco depois a autora cita Alice no país das maravilhas, de Lewis Carroll, na qual ela afirma que foi “a origem real da exaltação do modelo literário fantástico para crianças e a constituição de uma literatura infantil e juvenil com voz própria” (COLOMER, 2017, p.163).

Livre de todo um processo político-pedagógico, **Alice no país das maravilhas** engloba um mundo de realidade e fantasia, cheio de magia e animais falantes, na qual possuía a “decidida ampliação das possibilidades de ficção fantástica empreendida por ele e seguida por muitos autores posteriormente fez com que, gradualmente, os temas de imaginação fossem ocupando o coração da literatura infantil e juvenil” (COLOMER,2017, p.164).

Com o passar do tempo, a fantasia foi afastada do espaço central da literatura infantil e juvenil, onde havia a dificuldade de ser aceita pelo novo público adolescente da época.

Mais adiante a autora fala sobre a alta fantasia que foi denominada assim devido ao meio caminho entre a ficção medieval, a magia e a aventura:

A principal contribuição à criação deste modelo se deve a J. R. R. Tolkien, um professor de linguística de Oxford, exímio conhecedor do folclore céltico, que, em obras como *O hobbit* (1937, estabeleceu seu funcionamento mediante a descrição de um mundo secundário completo onde ocorre uma luta entre o bem e o mal, em que a fantasia se baseia na ilusão a personagens e poderes antigos retomados das tradições míticas e na qual o desenvolvimento narrativo adota a forma de uma missão de busca por meio de grandes aventuras. A possibilidade de entender a alta fantasia como um gênero infantil e juvenil é muito discutível, sobretudo em obras como *O senhor dos anéis* (1964), e o mesmo Tolkien mudou de opinião sobre este ponto ao longo de sua vida, no sentido de ampliar a consideração do público a todas as idades” (COLOMER,2017, p.166).

Neste contexto de público-alvo, podemos inserir obras como **Animais fantásticos e onde habitam** e a coletânea de obras sobre **Harry Potter**, obras literárias dedicadas ao público infantil e juvenil, mas que ganharam grande repercussão em todas as idades.

4 EFEITOS DO FANTÁSTICO NO LEITOR

Para pensar sobre os efeitos do fantástico no leitor, partimos dos estudos da recepção para os quais existem, nos textos, lacunas de sentido a serem preenchidas pelo leitor através de sua imaginação. Nesse sentido, o processo de compreensão vai depender também da interação do leitor com o texto para completar essas brechas e construir sentidos durante o processo de leitura.

O leitor é um ser constituído por um conjunto histórico, cultural e social. E esse conjunto interfere na interpretação do texto, tal feito também é possível pelas informações que o próprio texto fornece. Posto isso, a compreensão vai depender igualmente do diálogo entre a experiência do leitor e as informações presentes no texto para conseguir atribuir sentidos à leitura e preencher as lacunas deixadas pelo escrito. Em obras com efeitos fantásticos as lacunas serão ainda mais evidenciadas e o leitor pode ter mais de uma interpretação.

A qualidade das inferências geradas durante o ato da leitura também é importante, pois o leitor irá buscar por referências da imaginação, de seus conhecimentos prévios para a concretização de sentidos, ou seja, “a obra precisa, em sua constituição, da participação do destinatário” (JOUVE, 2002, p.61). No fantástico, por conter fatos insólitos que geram várias dúvidas no leitor, o movimento de acionar a imaginação para completar com sentidos é ainda mais evidente. O leitor que, ao ler um trecho da obra a qual apresenta uma caracterização de um ser completamente estranho, partirá para o apoio da imaginação afim de concretizar tal ser. Cada concepção é única e todo leitor irá compreender o episódio de forma distinta dos demais leitores, mesmo eles pertencendo a mesma faixa etária.

Outro aspecto a destacar nos efeitos da leitura sobre o leitor é o fato de que um romance não foge completamente dos conteúdos da vida real, ele se baseia no nosso cotidiano para a sua criação, seja na descrição do ambiente, das personagens etc. Um exemplo disso é **Alice no país das maravilhas**, no qual a lagarta falante e com poderes nada mais é do que uma lagarta comum com a sabedoria de um humano. Pois bem, vários outros animais das histórias fantásticas também são modificados, mas nenhum deles foge totalmente da vida real por mais insólita que a narrativa seja, assim como foi dito no capítulo três desse trabalho, o cérebro não é um órgão reprodutor de experiências anteriores, mas algo mais vasto que combina e recria situações de forma criativa a partir daquelas já vistas, por essa razão é impossível criar algo cem por

cento novo.

A verossimilhança é uma forma de o leitor completar o texto e ocorre quando o leitor busca por referências da imaginação para idealizar tal personagem, por exemplo, em **Harry Potter e a pedra filosofal** (1999) de J.K. Rowling, quando é descrita a senhora Dursley:

A Sra. Dursley era magra e loura e tinha um pescoço quase duas vezes mais comprido que o normal, o que era muito útil porque ela passava grande parte do tempo espichando-o por cima da cerca do jardim para espiar os vizinhos (ROWLING, 1999, p. 8).

Ao fantasiar esse acontecimento, de uma senhora idosa que possui o pescoço muito grande e isso ser útil a ela para espiar os vizinhos por cima da cerca, provocará ainda mais a imaginação do leitor. E ele pode talvez imaginar a senhora com o pescoço de uma girafa ou avestruz e isso se tornaria até engraçado. Essa moção faz com que o leitor se entregue ainda mais na narrativa fantástica, assim, ela por possuir tais aspectos anormais, tende a seduzir o leitor.

Em um livro que não possui imagens essa é a uma situação comum de ocorrer em todas as idades, até os produtores dos filmes buscam por essas referências e se apoiam na imaginação.

Quando falamos em fantástico, falamos na criança e adolescente que se encanta com um mundo de fantasia, por fugir de toda a realidade, ou melhor, tornar essa realidade mais mística e mágica, fazendo com que o leitor infantil e juvenil possa se envolver ainda mais com a narrativa. Isso faz parte do público que desde criança assume a imaginação como parte de seu desenvolvimento, quando imagina, brinca, inventa e reinventa no seu próprio mundo.

É interessante pensar nas diversas interpretações que podem ocorrer; um público mais novo aceita naturalmente o fantástico. E ele acredita em contos de fadas, Papai Noel que deixa presentes na sala durante a noite, Coelho da páscoa que esconde os chocolates para que ao acordar a criança procure, a fada dos dentes que deixa moedas embaixo do travesseiro em troca do dente de leite caído. Já o adulto compreende que o fantástico está somente presente na obra e seguirá lendo a partir de suas verdades, com um olhar talvez mais crítico, mas nem por isso deixará de se encantar com esse mundo do maravilhoso. E mais uma vez o leitor se apoiará na imaginação para a concretização da fantasia.

Essa crença na fantasia, a experiência de vivenciar a ficção, é entendida pelo autor Vincent Jouve (2002) como pacto de leitura:

Num nível mais geral, a obra define seu modo de leitura pela inscrição em um gênero e o seu lugar na instituição literária. O texto remete para convenções tácitas que orientam para a expectativa do público. Se o leitor aceita sem problema ver mortos que ressuscitam em uma narrativa fantástica, ele se chocará com o mesmo acontecimento em um romance policial. (JOUVE, 2002, p.67).

Diante de uma narrativa fantástica, essa expectativa pode ser quebrada, a hesitação poderá durar somente um instante, mesmo assim o leitor tentará desvendar o mistério e inventar respostas para o ocorrido (presença ou não do sobrenatural). Sem muito sucesso, a hesitação pode continuar, ou na própria narrativa esse mistério pode ser revelado, isso vai depender da intenção do autor perante o enredo da obra, enfim, são várias as possibilidades que necessitam da interação do leitor para com a obra.

O peritexto remete para os prefácios e poderá ajudar a explicar como se deve ler a obra ou eles podem ser tão confusos quanto ela na intenção de deixar o leitor desconcertado desde o início. O peritexto ajuda na antecipação interpretativa sobre a obra: “assim que abriu o livro, o leitor constrói uma hipótese sobre o teor global do texto: de antemão, ele antecipa – e, portanto, simplifica – o conteúdo narrativo. (JOUVE, 2002, p. 75)

Em **Animais fantásticos e onde habitam** (2001) de J.K. Rowling, podemos notar que a narrativa se baseia em animais míticos tanto no título quanto na sua introdução que fala sobre lobisomens que viram humanos.

As palavras “criaturas mágicas” e “animais fantásticos” nos dão a ideia de como seguirá a narrativa, e o leitor é introduzido de uma vez só no mundo fantástico, “orientado pelo contrato da leitura, o leitor, como vimos, constrói sua recepção apoiando-se nos espaços da certeza fornecida pelo texto” (JOUVE, 2002, p.67). Essa certeza em **Animais fantásticos** inicialmente se dá pelas palavras mágicas citadas anteriormente no título e introdução.

Em **Harry Potter e a pedra filosofal**, a cena inicial quando Harry vai para o zoológico e conversa com uma cobra, pode ser interpretada como um sonho do menino, a resposta poderá aparecer mais adiante ou não, enquanto isso o leitor irá se apoiar na sua fantasia e levantar teorias sobre o ocorrido, ou simplesmente aceitar a

cena como parte constitutiva normal da narrativa.

Vale ressaltar que aqui estou preocupada com a recepção do leitor diante de uma leitura fantástica, e como os efeitos de sentido podem ser preenchidos, pois os benefícios que a leitura traz e a ativação da fantasia já foram mencionados no capítulo três, logo, sabemos que a leitura pode proporcionar vários privilégios para o leitor em desenvolvimento intelectual e cognitivo. “O que acontece quando se lê um livro? Quais são as sensações, as impressões que a leitura suscita em nós?” (2002, p.107). Assim Jouve pergunta sobre os efeitos da leitura em nossa vida.

A leitura nos permite fugir da realidade, mas quando ela tem efeitos fantásticos, esse distanciamento é ainda maior, pois ficamos diante de situações inusitadas que nos desprendem quase que totalmente da realidade, assim como diz Jouve “A leitura é, portanto, ao mesmo tempo, uma experiência de libertação” (2002, p. 107).

Pensando em um público infantil, lembra da menina de **A bolsa amarela** citada na página 21? Quando a personagem se apoiou na imaginação para resolver conflitos internos e externos, assim pode ocorrer com público jovem diante de uma leitura desse valor. Eis aqui uma das inúmeras qualidades da leitura, que não somente ensina inconscientemente os jovens a ler e escrever melhor, mas os afasta de um cotidiano ruim, amplia sua visão de mundo, aumenta a imaginação que ajudará na tomada de decisões e na sua inserção de forma ativa em mundo com tanta desigualdade. Mais do que ensinar, é ajudar a compreender a vida e dar sentido a ela:

[...]ler, pois, é uma viagem, uma entrada insólita em outra dimensão que, na maioria das vezes, enriquece a experiência: o leitor que, num primeiro tempo, deixa a realidade para o universo fictício, num segundo tempo volta ao real, nutrido da ficção (JOUVE, 2002, p.109).

O processo de representação na arte é algo estudado e reconhecido desde os primeiros estudos sobre a mímese. Quem nunca se sentiu representado(a) por algum personagem ou se identificou com certos traços de personalidade? A leitura proporciona esse prazer de se sentir espelhado naquele indivíduo, isso porque aquele personagem pode ter sido inspirado no real. Por isso várias vezes aparenta ser tão familiar, por mais insólito que o romance seja, é impossível ele não ser influenciado pelo tangível.

A representatividade dentro das narrativas fantásticas também é uma forma de seduzir o leitor que se sente atraído por atributos iguais aos seus ou encontra

situações parecidas com aquelas que estão sendo vivenciadas no presente ou já foram vivenciadas no passado.

Diferentes leituras podem proporcionar diferentes aprendizados, o sujeito não está imune à sociedade, logo, os conhecimentos adquiridos são exteriorizados pelo homem na sociedade.

Segundo Jauss, o impacto na leitura pode assumir três formas distintas: transmissão da norma, criação da norma, ruptura da norma. A obra pode transmitir os valores dominantes de uma sociedade (literatura oficial ou estereotipada) ou legitimar novos valores (literatura didática e militante) ou ainda romper com os valores tradicionais renovando os horizontes de expectativas do público. (JAUSS, 2002, p.125 *apud* JOUVE, 1977).

Essas transmissões são feitas pois as obras carregam valores dominantes de uma dada época, e inconscientemente ou não, isso transparece no texto. **Harry Potter e O Senhor dos anéis** de J.R.R. Tolkien possuem os valores da coragem, amor e amizade, esses princípios são estéticos ao modo de a que criação literária desperta no leitor várias sensações, sejam emocionais, críticas, reflexivas ou intelectuais; o legente leva algo do texto consigo, sendo esses os objetivos postos em jogo pelo autor na sua criação (a de fazer o leitor sentir certos sentimentos e de perceber certos detalhes e preceitos). Portanto as obras têm uma grande importância no florescimento da mentalidade do ser humano, que pode usufruir de novos conhecimentos através da leitura, mudar ou sedimentar ideias preestabelecidas.

O efeito estético me fez lembrar das discussões do filósofo Mikhael Bakhtin descritas no livro **Gêneros, teorias, métodos, debates** (2005), quando ele explica que a língua não é um sistema abstrato de signos e nem uma expressão de um pensamento individual, somos todos atravessados por discursos, nos utilizamos deles para nos comunicar e aprender novas concepções havendo a inter-relação discursiva, ou seja, os nossos enunciados são respostas a outros enunciados, ou seja, na literatura há o ato responsivo diante dos acontecimentos (o leitor pode concordar ou não com as ações do enredo ou compreender enquanto um aprendizado), assim como explica Iser: “[...] pode-se dizer que a obra literária possui dois polos: o polo artístico e o polo estético. O polo artístico refere-se ao texto produzido pelo autor, enquanto o polo estético diz respeito à concretização realizada pelo autor” (ISER, 1985).

Interessante pensar nas possibilidades que a obra tem de agir sobre nós,

algumas leituras podem despertar em mim tristeza por lembrar de certos fatos que ocorreram na minha vida, ou nostalgia por relembrar da infância, o efeito da leitura pode mudar de pessoa para pessoa, pois cada um carrega experiências distintas. Isso ocorre tanto na fase juvenil quanto na adulta, mas o acúmulo de experiências faz com que essas percepções mudem. E pensando nessa potencialidade da obra **Coração de tinta** e no efeito que produzirá nos leitores enquanto obra fantástica que, no capítulo cinco, traremos uma análise da obra.

5 A OBRA CORAÇÃO DE TINTA

Cornelia Funke é uma escritora alemã e nasceu no dia 10 de dezembro de 1958 em Dorsten, Alemanha, é formada em Pedagogia, pós-graduada em Design Gráfico. Escritora há 29 anos, Funke iniciou sua carreira como ilustradora de livros infantis e hoje é conhecida por ser uma das escritoras mais renomadas no gênero literatura fantástica. Suas histórias não encantam apenas as crianças, mas aos adultos também; em um *site* chamado “Skoob” vários comentários são de pessoas adultas, que se aventuram junto com os personagens nessa missão fantástica.

Cornelia Funke já escreveu mais de 70 livros com traduções em 50 idiomas, e, vendeu mais de 26 milhões de cópias e recebeu diversos prêmios literários, o mais recente é o “*Audie Award for Spanish Language*” em 2021 e a obra premiada foi **O labirinto do fauno**, uma curiosidade sobre essa obra é que ela foi escrita depois do filme, o diretor Guillermo del Toro convidou Funke para escrever o livro sobre o filme, ela achou impossível, mas aceitou o desafio.

Coração de tinta obteve sua versão adaptada para as telas em 2008 e contou com a participação do ator famoso Brendan Fraser. A obra infantil e juvenil é o primeiro livro da trilogia **Mundo de tinta**, possui 455 páginas, e a edição que aqui utilizo é a primeira.

Narrada em 1ª pessoa, **Coração de tinta** conta a história através da protagonista Meggie, uma menina de 12 anos fascinada por livros que mora com seu pai apelidado de Mo, ele é um encadernador de livros que possui um poder insólito: o de trazer personagens das páginas dos livros à vida real.

Esse talento de Mo, trouxe no passado um triste acontecimento: ao ler em voz alta as palavras do livro, a mãe de Maggie acabou por ser sugada para dentro do livro intitulado **Coração de tinta** e um ser maléfico chamado Capricórnio saiu das mesmas páginas do livro. Desde então, Mo viaja pelo mundo para fugir do vilão que deseja usar seus poderes para trazer um vilão ainda mais terrível que ele. Entretanto, depois de algum tempo, quando sua filha tinha 12 anos, durante uma noite chuvosa um homem estranho aparece em frente à sua casa, no decorrer da história esse misterioso homem é revelado como Dedo Empoeirado, que também foi trazido para o mundo real por Mo. O pai de Maggie que já o conhecia, convida-o para entrar em casa, onde após essa conversa Mo decide fugir novamente e vai até a casa da irmã de sua mulher desaparecida, Elinor é uma pessoa fanática por livros, sua casa é

cercada por milhares de obras, é uma mulher de personalidade forte, ela ingressa nesse plano de derrotar Capricórnio após Mo ser raptado pelos capangas. Elienor, Meggie e Dedo Empoeirado vão até a aldeia do vilão para tentar resgatar Mo, durante essa outros personagens conhecidos são trazidos para fora do livro por alguém que possui os mesmos poderes de Mo e que serve para o antagonista da história.

O amadurecimento da personagem principal durante o decorrer da obra é visível, a coragem de Meggie e o amor pelo seu pai serão o alicerce que ajudará a menina a encontrar e salvar seu pai das garras do vilão. Com o passar do tempo Meggie irá descobrir que herdou os mesmos poderes de seu pai.

6 O FANTÁSTICO EM CORAÇÃO DE TINTA E SEUS EFEITOS NO LEITOR

6.1 O fantástico em coração de tinta

Depois de comentar sobre algumas características e sobre os efeitos do fantástico no leitor, agora será o momento de trabalhar essas características na obra **Coração de tinta** de Cornélia Funke. Irei apresentar os principais momentos em que aparece, com base nas pesquisas feitas no primeiro capítulo sobre o fantástico. A cada passo, farei uma breve contextualização sobre a história para o leitor não se sentir perdido em meio aos trechos selecionados.

Os efeitos do fantástico demoram a aparecer na obra de Funke. Nas primeiras páginas, temos apenas algumas com pistas, por exemplo, enquanto Dedo Empoeirado conversa com Mo, são citados nomes estranhos, como Língua Encantada, Capricórnio e Basta. Logo, há um mistério a ser escondido de Meggie, algo que envolve a aparição dessas pessoas e o desconforto por ouvir o nome delas. Tal fato faz com que Mo viaje em seguida para o Sul, com destino à casa da tia de Meggie. Todo esse mistério faz com que o fantástico vá dominando o espaço aos poucos, pegando o leitor pela mão para prosseguir a leitura.

Durante o percurso da viagem, um fato inusitado ocorre:

[...]Então ela sentiu uma coisa dura sob o pelo sedoso: uns chifrinhos minúsculos, ao lado das orelhas. Assustada, ela tirou a mão.
 — Martas têm chifres? Dedo Empoeirado deu uma piscada para ela e fez Gwin voltar para dentro da mochila.
 — Esta aqui tem — ele disse.
 Perplexa, Meggie ficou observando enquanto ele fechava as fivelas. Parecia que ela ainda sentia os chifrinhos de Gwin nas pontas dos dedos.
 (FUNKE, 2006, p. 32)

Dedo Empoeirado mostra a Meggie uma Marta (animal parecido com uma fuinha, lontra), mas esta era diferente de todas da sua espécie pois possui chifres, há um estranhamento por parte dela que nunca tinha visto uma Marta com chifres; ela aceita, porém, fica a dúvida perante a menina e o leitor, tal fato, abre alas para o fantástico que se estabelece diante da ambiguidade instaurada aos poucos na obra

A aventura com acontecimentos insólitos começa quando os capangas de Capricórnio encontram o paradeiro de Mo, logo, Mo não terá outra alternativa a não ser contar sobre a verdade a Meggie que pensa que o vilão se trata apenas de um

coleccionador maluco. Sendo assim, os primeiros indícios do fantástico começam após a revelação de Mo feita a partir da página 125:

Lá fora já estava escuro, eu me lembro como se tivesse sido ontem, era outono, e o vento soprava na janela. Havíamos acendido o fogo, pois nossa caixinha de sapatos não possuía aquecimento central, e sim uma estufa a lenha em cada cômodo, e eu estava começando o sétimo capítulo. Foi então que aconteceu...

Mo calou-se. Ficou olhando para a frente, como se tivesse se perdido em seus próprios pensamentos.

— O quê? — sussurrou Meggie. — O que aconteceu, Mo? O pai olhou para ela.

— Eles saíram — ele disse. — De repente eles estavam lá, na porta do corredor, como se tivessem vindo de fora. (FUNKE, 2006, p. 125-126)

Antes da revelação, havia apenas o mistério que sondava o livro, mas o leitor já sabia que aconteceria algo em algum momento. Nessa parte nos é revelado de onde eram aqueles personagens com nomes. Mo conta sobre o fato insólito ocorrido, e ele diz que sempre gostava de ler para a mãe de Meggie, até que um dia ao ler um trecho de **Coração de tinta**, os personagens Capricórnio, Basta e Dedo Empoeirado saíram do livro e sua mulher havia entrado no lugar de algum deles. Mo demorou a contar por se tratar de um assunto absurdo demais para elas acreditarem. Afinal, um ser humano com poderes de teletransportar personagens fictícios para o mundo real parece ser muito exagero perante tudo o que eles conheciam, não é mesmo? Diante disso tudo, o leitor fica sabendo de onde aquelas pessoas vem, e o mais insólito é que, todos eram apenas pessoas fictícias, seres criados por alguém real que os escreveu num papel usando tinta, e simplesmente, com a voz de um humano, eles foram trazidos e materializados no mundo primário, modificando sua própria história e se tornando autônomos em um mundo que não lhes pertence.

— Isso mesmo. Porque a verdade era absurda demais. Não é?

Meggie fez que sim. Ele tinha razão, ela teria achado que era mais uma de suas histórias. (FUNKE, 2006, p.129).

Tal acontecimento é uma das características do fantástico estipulado por Todorov, uma vez que, é contrário a todas as leis da ciência e física que temos em nosso mundo, e no mundo dos personagens da obra em estudo. Toda a obra, na verdade, parte dessa quebra de paradigma, os personagens do mundo real, todos

eles “devoradores de livros” se veem diante de personagens inventados, o mundo da leitura que tanto os fascina, surpreendentemente invade a vida deles.

A invasão citada anteriormente, faz Mo sentir medo de sua própria habilidade, pois quando um personagem do livro sai, outro da vida real ingressa na história de forma involuntária, assim como aconteceu com sua mulher, rompendo os paradigmas da realidade versus ficção, ou seja, o fantástico parte das aparições dos personagens fictícios que vem do universo dos livros, e personagens reais que ingressam nas histórias, e o insólito fica mais evidente, pois mesmo com a saída e entrada de novos seres, esses não modificaram o enredo “[...]Mas, mesmo assim, acho que eles ainda estão no livro também! Acredite, eu já o li muitas vezes desde que eles saíram. A história continua tratando deles” (FUNKE, 2006, p. 136). Outro fato estranho é que a mulher pertencente ao mundo real e que havia sido sugada pelo livro, volta a seu plano de origem de forma voluntária, pois Darius (outro que possui poderes iguais aos de Mo) ao ler o livro, a traz mesmo sem estar citado ali o seu nome. Tal ocorrência poderá fazer com que o leitor pense em como foi possível isso acontecer, ora, não houve nenhuma modificação na história e mesmo assim um “não personagem” sai do livro tempos depois, mesmo após várias tentativas de Mo de trazê-la de volta?

Outro fator importante é sobre os personagens que saíram do seu mundo, e ingressaram num lugar desconhecido.

[...]Acho que nenhum dos três entendeu o que havia acontecido. Eu mesmo só entendi muito depois. A minha voz os fizera escorregar do livro, como um marcador que alguém tivesse esquecido entre as páginas. Como eles poderiam entender isso? (FUNKE, 2006, p.126).

No trecho acima é notável o estranhamento do personagem diante do acontecido, se nem mesmo ele conseguiu naquele momento entender o ocorrido, como aqueles que um dia foram apenas personagens de um livro, entenderiam? A repulsa ocorreu em ambos os lados. O mesmo ocorre quando Farid sai do livro **As Mil e umas Noites**:

— Deve ser um sonho! — ele repetiu, balançando a cabeça para a frente com tanta energia como se quisesse encorajar a si próprio. — Tudo parece de mentira, falso, completamente maluco, igual aos sonhos, e agora — ele apontou para fora com um movimento de cabeça — ainda por cima estamos voando. Ou é a noite que passa voando por nós. Ou seja lá o que for. (FUNKE, 2006, p. 179).

Incrédulo o menino acredita que está tendo um sonho maluco, pois tudo diferente da sua realidade parece ser falso para ele, aqui temos mais um efeito do

fantástico.

Os personagens que saíram do livro seguem com a sua personalidade, um exemplo é o Capricórnio, que é um vilão em **Coração de tinta** e segue sendo vilão no mundo primário. No momento em que Mo lê em voz alta e os personagens vêm para o mundo real, o fantástico ganha forma física, assim como o leitor ao ler uma obra dá vida a eles em sua imaginação se utilizando da fantasia.

[...]Elinor levantou-se ofegante e esfregou os quadris com um gemido. — Não estou entendendo mais nada. Apenas espero que tudo isto seja um desses sonhos dos quais a gente acorda com torcicolo e um gosto ruim na boca. (FUNKE, 2006, p. 132).

Escolhi esse trecho, pois em vários momentos a palavra "sonho" aparece, seja se tratando apenas de um sonho, desejando que tudo fosse unicamente um sonho ruim ou confirmando que não se tratava de um sonho, essa ambiguidade permanece durante toda obra, pois no início da história Meggie está em seu quarto a dormir.

Na página 157, temos finalmente a primeira demonstração do poder de Mo:

As criadas ainda estavam limpando as últimas migalhas das mesas quando de repente as moedas começaram a cair sobre a madeira lustrosa. As mulheres recuaram assustadas, soltaram os panos de limpeza e puseram as mãos na boca, enquanto as moedas pululavam aos seus pés, moedas douradas, prateadas, cor de cobre, repicavam no chão de pedra, amontoavam-se tilintantes sob os bancos, mais e mais moedas. Algumas rolaram até o pé da escada. (FUNKE, 2006, p. 157).

Tudo aquilo que Mo havia lido, saiu das páginas do livro como se fosse mágica, após essa cena Mo leu outro livro e "De repente, havia um garoto no meio dos tonéis ainda fumegantes" (FUNKE, 2006, p. 161), seu nome era Farid, vindo das **Mil e uma noites**.

Na manhã seguinte, um passarinho voava sobre a cama de Meggie, cor de laranja como o luar da noite anterior. Ela tentou pegá-lo, mas ele voou para a janela, o céu azul esperava por ele. O passarinho bateu no vidro várias vezes, machucando a cabecinha minúscula. Até que Mo abriu a janela e o deixou sair.

— Ele era maravilhoso! — ela disse. (FUNKE, 2006, p. 217).

Como é possível notar a obra **Coração de tinta** faz intertextualidade com outras do mesmo campo do fantástico, vários personagens são vindos de diferentes livros, assim como aconteceu com Farid, Sininho de **Peter Pan**, **O Soldadinho de**

Chumbo, Dedo Empoeirado de **Coração de Tinta**, esses acontecimentos evidenciam o fato de ser uma história dentro de outra história, o livro **Coração de tinta**, parte de outro livro intitulado com o mesmo nome, mostrando a reação dos leitores Mo e Meggie diante do fantástico, e experimentando a fantasia em sua forma concreta.

Durante o decorrer da história, outro personagem assume poderes iguais aos de Mo “Ele olhou para o livro, depois para a fada, depois de novo para o livro. — Foi sem querer! — sussurrou Meggie. — Verdade. A fada voou mais uma vez para a janela, inquieta.” (FUNKE, 2006, p. 314). Sininho, uma personagem de **Peter Pan**, aparece e neste momento a menina percebe que herdou os poderes de seu pai, algo muito importante para a narrativa.

“Uma noite, porém, uma noite tépida e estrelada, quando Sombra apareceu, ele não ouviu a voz de Capricórnio, e sim a voz de uma menina. Quando ela pronunciou seu nome, ele se lembrou de todas aquelas pessoas de cujas cinzas era formado, de toda a dor e toda a tristeza...”

— “Ele se lembrou” — ela continuou a ler com voz bem alta — “e resolveu se vingar, se vingar de todos os que eram a causa daquela infelicidade, dos que haviam assombrado o mundo com sua crueldade.”

— “E Capricórnio caiu de bruços e seu coração negro parou de bater, e todos que haviam incendiado e assassinado a seu serviço desapareceram, como cinzas levadas pelo vento.” (FUNKE, 2006, p.437).

A citação acima pode ser considerada como o grande clímax da obra, visto que é um momento em que o final da história é epicamente modificado, e o Capricórnio e seus capangas somem. Fidalgo ainda escreveu que todos que foram mortos pelo vilão voltassem, assim vários personagens de contos de fadas saíram “[...] A aldeia de Capricórnio recebera alguns estranhos novos moradores” (FUNKE, 2006, p. 441), mas infelizmente, Fidalgo sumiu, ele ingressou na história que ele mesmo havia criado.

Todos os místicos animais foram, exceto aqueles que escolheram ficar na aldeia, para a casa de Elinor:

[...]Sim, pois Elinor decidira oferecer um lar a todos os estranhos seres que tinham ido parar em seu mundo. “Asilo”, como ela chamou. “Afinal de contas, o nosso mundo não tem tolerância nem muita compreensão com as pessoas que são um pouco diferentes. Que dirá daquelas que são azuis e voam?” (FUNKE, 2006, p.452).

Nesse trecho mencionado, a personagem Elinor sabe que os seres estranhos não fazem parte do mundo real, e que a descoberta deles poderia gerar uma intolerância, visto que as pessoas são intolerantes com aquelas julgadas ser

diferentes, mas nesse caso é com pessoas, humanos, então imaginem uma realidade (em que se passa a narrativa no mundo real) onde não há o conhecimento desses seres “que são azuis e que voam” o tanto que isso pode impactar na sociedade onde estes fatos não são explicados pela ciência.

Percebemos que é limitado o número de personagens que sabem da existência dessas criaturas, mais precisamente, quem sabe são os que vieram dos livros e o grupo de pessoas do mundo real: Mo, Meggie, Elinor, Fenoglio e Teresa, fora estes personagens, o resto do mundo desconhece esse universo fantástico “[...]Mo e Elinor o esperaram na estrada para que ele (taxista) não se deparasse com os duendes e as fadas” (FUNKE, 2006, p. 452.).

Na obra toda não aparecem explicações de como Mo e Meggie tem poderes para trazer à vida os personagens, eles apenas aceitam a sua condição e aceitam que aqueles seres não fazem parte do seu mundo, porém ainda não há a presença de explicações científicas acerca desse poder, que nem mesmo os próprios portadores do dom entendem como é possível, e a única providência possível é aceitar, evidenciando novamente o que já havia mencionado antes segundo Todorov: que esses elementos sem explicações “contradizem as leis da natureza” (TODOROV, 1980, p. 27).

[...]Talvez a pele fosse um pouco mais escura e o cabelo um tanto mais preto, mas certamente ao vê-lo ninguém pensaria que ele viera de uma história em que tapetes voavam, montanhas se abriam e lâmpadas podiam realizar desejos. Ele não usava mais o traje azul que lhe chegava aos pés, e sim uma calça e uma camiseta. Parecia mais velho com elas. Dedo Empoeirado devia tê-las comprado para ele, assim como os sapatos, com os quais ele pisava com muito cuidado, como se seus pés ainda não tivessem se acostumado a eles. (FUNKE, 2006, p. 210).

A naturalidade desses seres fictícios se relacionarem facilmente com pessoas do mundo real se dá por conta de sua aparência que é igual a de um humano comum.

Agora, falando um pouco dos personagens principais da obra, temos dois grupos: os que habitam o fantástico (Capricórnio, Basta, Dedo Empoeirado e Farid), e os que sofrem o efeito dele (Elinor, Fidalgo, Meggie e Mo). De todos eles, o mais experiente com o processo de ida e vindas de seres é Mo, ele é o responsável por fazer a ligação entre realidade e fantasia através da oralidade, com isso ele aproxima esse mundo secundário a sua filha, assim como a aproximou da leitura; algo

importante a frisar, é que todos os personagens citados do mundo real, são grandes leitores.

[...]Sempre gostei de ler em voz alta, desde menino, e uma vez, quando estava lendo Tom Sawyer para um amigo, de repente apareceu um gato morto no tapete, duro como uma tábua. Somente mais tarde notei que, em troca, um dos meus bichos de pelúcia desaparecera. Acho que o nosso coração quase parou, e juramos um ao outro, selando o juramento com sangue como Tom e Huck, que jamais contaríamos a ninguém sobre o gato (FUNKE, 2006, p. 135)

O primeiro acontecimento insólito ocorreu logo na infância de Mo, a reação dele e do amigo foi de surpresa em frente ao episódio inusitado, mesmo em choque, o garoto voltou a ler em outros momentos em segredo, mas surgiam apenas objetos “Mas nunca, Elinor, de fato nunca havia saído nada vivo de um livro. Até aquela noite”. (FUNKE, 2006, p.135). A noite a qual ele se refere é quando Capricórnio, Dedo Empoeirado e Basta saem do livro, a cena em que ele havia lido se materializou diante de seus olhos. Mo nos primeiros momentos fica espantado observando aqueles personagens que estavam em sua casa, e depois apavorado por não conseguir levá-los de volta para o lugar de onde haviam saído “Tive vertigens de tão desesperado que fui ficando enquanto pensava em como poderia pôr fim àquele pesadelo”. (FUNKE, 2006, p. 127).

Meggie é uma menina de doze anos que de repente se encontra com o efeito do livro, ela tem o seu pai que a insere e a guia por toda a narrativa, fato que ajuda a menina e o leitor aceitar o sobrenatural, dessa forma, ela espelha um pouco de nós leitores que vivemos o mistério que a literatura fantástica proporciona.

Perplexa, Meggie olhou para Mo.
 — Ele morre? Mas... você sabia disso?
 — É claro. Eu li a história inteira, Meggie
 — Mas por que você não contou para ele?
 (FUNKE, 2006, p. 225).

Esta parte reflete um pouco sobre o envolvimento emocional que temos com certos personagens e sobre a nossa própria experiência de leitura, isso é evidenciado na obra de Cornelia Funke que justamente fala sobre os efeitos da leitura no leitor e a utilização importante da fantasia para trazer vida a esses personagens.

Por fim, temos o Fidalgo, figura importante, pois é o criador de **Coração de tinta**, e teve o privilégio de ficar frente a frente com suas criações, ao tempo todo ele

aprecia suas invenções “— É incrível — ele murmurou. — Foi exatamente assim que imaginei a mãe de Capricórnio: o nariz, os olhos próximos, até mesmo aquele jeito de cruzar os braços e esticar o queixo para o alto”. (FUNKE, 2006, p. 350), portanto, Fidalgo também representa um pouco de nós leitores quando fantasiamos as características físicas dos personagens.

Finalizando, todos esses personagens do mundo real, sofrem a invasão de personagens do mundo dos livros por se tratar de um livro que fala sobre leitura, e reagem de formas distintas, mas com o passar do tempo e com o apoio de Mo, eles conseguem agir corretamente frente à essa situação e reverter o cenário precário que o vilão trouxe para o mundo primário, utilizando-se do final alternativo e dos poderes insólitos de Meggie e Mo. A seguir, será tratarei os efeitos do vazio, isto é, sobre as lacunas do texto.

6.2 Os efeitos da leitura de coração de tinta

Assim como ocorreu na parte 6.1, na qual falo sobre os efeitos do fantástico, aqui destacarei somente alguns trechos para refletir sobre os vazios deixados pelo texto, visto que, em todas as leituras o vazio é a parte fundamental para haver a interação do leitor implícito com o texto, ou seja, ele predomina em todas as narrativas literárias e é um dos ingredientes principais para provocar a comunicação com a obra.

Partindo do pressuposto de que, antes de começar a ler um livro, o leitor lê a sinopse presente na orelha, folheia algumas páginas do livro e já entende de que obra se trata, no caso do livro em estudo, trata-se de um universo de magia, ou seja, o leitor já inicia ingressando na linguagem do fantástico antes mesmo de iniciar a ler, motivando-o à leitura. Na capa, encontram-se letras do alfabeto, e cada uma possui figuras míticas entrelaçadas por folhas. Marta, um animalzinho presente na história, está ilustrada ao lado direito da letra “d”. Todos esses elementos ficam em volta de um livro, o que pressupõe que a história gira em torno desse livro. O que pode ser confirmado no seguinte trecho:

— Mo — ela perguntou, quando Dedo Empoeirado começou a roncar —, o que esse... Capricórnio quer com você?
Ela baixou a voz antes de pronunciar o nome, como se assim pudesse torná-lo menos ameaçador.
— Um livro — respondeu Mo sem tirar o olho da estrada. — Um livro? E por que você não dá o livro para ele?

— Não posso. Vou lhe explicar tudo, mas não agora. (FUNKE, 2006, p.32).

As lacunas de sentido a serem preenchidas são muitas nessa obra, que não começa de imediato com o fantástico, apenas com deduções. Há um certo mistério que predomina e que instiga o leitor a continuar a ler para desvendá-lo.

— Você sempre me disse tudo! — ela gritou para o pai. — Sempre. Mas Mo não contou.

— Todo mundo tem segredos, Meggie — ele disse finalmente.

— E agora suba de uma vez. Temos que ir.

Dedo Empoeirado olhou para ele e depois para ela, como se não acreditasse no que ouvira.

— Você não contou nada para ela? — Meggie o ouviu perguntar com a voz abafada.

Mo fez que não. (FUNKE, 2006, p.29).

Como é possível observar no trecho destacado, há uma hesitação em contar para a menina sobre o que está acontecendo, esta hesitação continua e junto com ela a incompreensão da Meggie.

— Eu vi Gwin no livro. — Meggie disse isso sem tirar os olhos de Dedo Empoeirado, mas o rosto dele não se mexeu. Ele não tinha os pensamentos estampados na testa como Mo. Dedo Empoeirado era como um livro fechado, e Meggie tinha a sensação de que ele morderia os dedos de todos que tentassem lê-lo. — Ele estava numa letra. Numa letra H. Eu vi os chifres.

— É mesmo? — Dedo Empoeirado nem sequer abriu os olhos. — Você sabe em qual das mil estantes essa fanática por livros o colocou?

Meggie fingiu não ouvir a pergunta.

— Por que Gwin se parece com o animal do livro? — ela perguntou. — É verdade que o senhor colou os chifres nele? (FUNKE, 2006, p. 53).

A curiosidade da menina expressada no trecho anterior sobre a Marta de Dedo Empoeirado, de certa forma ilustra o leitor confuso e intrigado durante o ato da leitura, com suas incógnitas e ansiedades para apurar os fatos. Vamos percorrendo a história e sendo guiados pela menina que vai desvendando junto conosco os mistérios que cercam o livro.

No início do enredo, quando aparece um homem estranho olhando atentamente para a casa de Meggie, Mo lhe dissera que se tratava de um amigo, mas o mistério continua, pois Mo nada diz sobre o motivo da visita. Esse enigma convida o leitor a desvendá-lo na medida em que prossegue na leitura e a imaginar hipóteses reais ou fantásticas, pois a princípio há algo de estranho, existe uma certa ambiguidade construída, e ela cria um ambiente propício para que, a seguir, o

fantástico se instaure. Diante disso, somente no final dessa aventura, o leitor saberá se o fato é real ou apenas um sonho de Meggie, enquanto isso, tais lacunas de sentidos irão mobilizando a interação do leitor para com o texto.

A demora em aparecer os efeitos do fantástico também leva o leitor a prosseguir na leitura, visto que, se ao ler a sinopse ele já entende sobre o que trata a obra, a lentidão em aparecer cria uma necessidade de buscar pelos elementos fantásticos na medida em que avança na leitura, contudo, sabemos que são essas lacunas que abrem espaço para o fantástico se instaurar.

Certas partes da narrativa movidas pelo estranhamento são recuperadas após algumas páginas, após a retomada da própria personagem.

Agora ela sabia por que a Marta tinha chifres e por que aparecia um bicho igual a ela numa página do livro. Agora ela sabia tudo: por que Dedo Empoeirado achava aquele mundo rápido e barulhento demais, por que ele não entendia nada de automóveis e, algumas vezes, dava a impressão de estar em outro lugar. (FUNKE, 2006, p. 142).

Aqui o leitor conhece os motivos pelos quais a Marta era diferente das demais da sua espécie e porque Dedo Empoeirado parecia em alguns momentos distante do mundo, uma vez que os dois não pertenciam ao mundo primário, e sim a um lugar muito diferente e com suas próprias regras e espécies de animais.

Em toda a narrativa somos guiados pela menina, que está, assim como nós, conhecendo uma nova perspectiva de lugar. O que antes era só possível no mundo da fantasia, é adentrado bruscamente no cotidiano simples, o que faz com que a menina busque por hipóteses concretas para explicar o inusitado:

— Talvez haja algum segredo no meio disso — murmurou Meggie, pensativa, e passou a mão nas páginas cheias.

— Ah, já sei, você está pensando em algo como mensagens invisíveis escritas com suco de limão, ou um mapa do tesouro escondido numa das ilustrações. — A voz de Elinor soou tão sarcástica que Meggie sentiu vontade de torcer seu pescoço curto.

— Por que não? — ela fechou o livro novamente e o prendeu debaixo do braço. — Por que eles teriam levado Mo, se não fosse por alguma coisa assim? O livro teria bastado. (FUNKE, 2006, p. 83).

Outro exemplo do fantástico potencializado pelas lacunas deixadas pelo texto, é encontrado na cena na qual começam os primeiros indícios sobre o aparecimento da mãe de Meggie, a partir da desconfiança de Farid sobre a semelhança entre a mulher do livro e Meggie. Essa desconfiança sobre a mulher que havia desaparecido

dentro das páginas dos livros e retornou para o universo ao qual pertence, também partiu da própria menina, que logo mais tarde, descobre a verdade. O seu retorno ao mundo real mais tarde faz o leitor sentir emoções, sejam elas de dúvidas, espanto ou medo, havendo uma interação com o texto. Logo, o fantástico, na obra, é um efeito que se apoia, também, em vazios de sentido, fato esse que potencializa seu efeito perante o leitor.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegada às considerações finais, saliento que, nessa pesquisa, procurei destacar o papel que o efeito do fantástico presente na obra **Coração de tinta** possui para encantar o público infantil e juvenil, e, conseqüentemente, formar novos leitores de literatura. Nesse sentido, a invasão do universo dos livros na vida cotidiana de Mo e Meggie mobiliza a interação do leitor com o texto, visto que, assim como diz Jouve (2002, p. 107) “a leitura é uma experiência de libertação” e ela nos leva para outro mundo.

Coração de tinta, de fato, realmente nos desprende um pouco da realidade, pois somos inseridos primeiramente em uma ficção normal, mas de forma repentina, nos encontramos com vários personagens, mas não quaisquer personagens, e sim aqueles vindos do mundo dos livros, e que, ao ingressarem nesse plano, agem da mesma forma que agiam em seu lugar de origem. É isso que ocorre com Capricórnio, grande vilão da história de **Coração de tinta**, que se torna grande vilão na vida real e surpreende as pessoas, antes leitoras de suas histórias

Muitas vezes, nos encantamos por determinados personagens e desejamos que exista um igual na realidade, de tal modo, essa obra representa um pouco de nós leitores ocupados por esse sentimento, levando-nos a ver como determinados personagens agiriam no mundo primário (neste caso, é sobre o ponto de vista da autora). No que se refere ao leitor infantil e menos experiente, essa invasão da fantasia na realidade é muito mais efetiva, porque desde pequena a criança fantasia criando elementos que fogem do real. É o que procurei mostrar com a análise, defendendo que o recurso do fantástico em **Coração de tinta** aumenta o diálogo desse leitor com texto.

A obra traz uma intertextualidade com outras histórias fantásticas e de contos de fadas, e o leitor infantil logo saberá de onde veio, por exemplo, a fadinha Sininho de **Petter Pan**. A inserção de elementos dos contos de fadas também ativará a imaginação do leitor que fantasiará um personagem saindo das páginas impressas de um livro, levando toda a magia das histórias para o mundo real. Nessa história a ficção e a realidade se misturam fazendo com que Meggie, Mo e Elinor precisem se juntar aos fictícios para derrotar o antagonista, trazendo todo aquele efeito posto pela autora: de ser um livro falando sobre o efeito da leitura.

Acho interessante a forma como Cornelia Funke trouxe o recurso do fantástico

para sua obra dela, apoiando-se no ambiente dos livros, trazendo personagens que são leitores vorazes e colocando-os frente a frente com o efeito da leitura de uma forma fantástica, ou seja, materializando os personagens dos livros e fazendo com que eles interajam com os leitores (Meggie, Elinor e Mo), trazendo toda a magia e o prestígio que o universo da leitura proporciona.

Por fim, confirmo que **Coração de tinta** se enquadra na categoria dos textos fantásticos, apresenta inúmeros indícios do gênero e que o seu efeito, na obra em questão, é potencializado pelos vazios do texto. A obra, então, possui todos os elementos importantes para envolver o leitor durante o ato da leitura e, conseqüentemente, fazer que procure outros textos pertencentes ou não ao mesmo gênero, corroborando com sua formação leitora.

REFERÊNCIAS

- BATALHA, Maria Cristina . **O fantástico brasileiro: contos esquecidos**. Rio de Janeiro: Caetés, 2011.
- BORBA, Maria Antonieta Jordão de Oliveira. Uma estética do performativo: concepção de literatura pela teoria do efeito estético. **Revista Letras**, São Paulo, 47 (2): 57-73, jul./dez. 2007.
- BOJUNGA, Lygia. **A bolsa amarela**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- CESERANI, Remo. **O fantástico**. Curitiba: UFPR, 2006.
- Cornelia funke. **Grupo companhia das letras**.. disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=02095> Acesso em: 20. Jun. 2022.
- COLOMER, Teresa. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. São Paulo: Global, 2017.
- PLATTNER, Sabine. Autora do mês: Cornelia Funke. **Goethe-Zentrum Kooperationspartner**. Disponível em: <https://goethebrasil.org.br/blog/autora-domes-cornelia-funke/> . Acesso em: 20 jun. 2022.
- FUNKE, Cornelia. **Coração de tinta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- FURTADO, Filipe. **A construção do fantástico**. Lisboa: Livros horizonte, 1980.
- ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- ROWLING, Joane. **Harry Potter e a pedra filosofal**. Tradução de Isabel Fraga. Lisboa: Editorial Presença, 1999.
- JOUVE, Vincent. **A leitura**. São Paulo: UNESP, 2002.
- MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005.
- RODRIGUES, Selma. **O fantástico**. São Paulo: Ática S.A, 1988.
- TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico**. São Paulo: Ática, 2009.